



Yñypyrü oñepyrü, Ñanderuvusú ou

...

Todo esperaba la aparición de Ñanderuvusú
con oídos todavía de piedra,
con ojos todavía sin miradas,
conteniendo el aliento inmortal.

Hasta que de improvisto
el sueño infinito se interrumpió;
el viento empezó a respirar débilmente;
un fuego azul
comenzó a chisporrotear sobre el ala
del murciélago más distante;
el trueno estalló
y se dividió en dos grandes bloques de **ita jh**
y Ñanderuvusú apareció solo y profundo
trayendo el sol sobre el pecho.

...

Ñanderuvusú se inclinó
con el rostro hacia el Naciente,
puso el mundo en el eje de la estrella,
y entonces la morada del hombre quedó hecha.

...

AMÉRICA: RE-DESENHANDO MAPAS...

Faz uns meses, enquanto pensava no que escreveria nessa editorial e tirava duma caixa a coleção das obras completas de José Martí que tinha comprado num sebo de La Habana no verão de 2005, achei um livro de páginas enormes intitulado *Primeros cantos de América*. Tratava-se duma edição experimental porto-riquenha publicada por Lisa Marchew em 1966, que utilizava uma grande variedade de tipografias, cores e qualidades de papel para reunir diferentes registros da palavra articulada ao longo do continente antes de ter sido batizado para a cosmogonia “universal” com o nome de “América”. Para a minha surpresa, o livreiro previdente tinha-o colocado no fundo da gastada caixa de doces colombianos para brindar-lhes uma viagem mais segura aos tomos martianos que poucos dias depois cruzariam o mar Caribe até os States. Abri o livro por primeira vez na Califórnia, sentindo que com isso participava em um ritual, em alguma medida sagrado, de comunhão fugaz com essas vozes que o tempo, a história e a cultura pop local/global – que o televisor introduz às vezes no meu apartamento- faziam com que me parecessem tão longínquas. Nesse momento decidi que começaria o editorial ainda imaginado com algum fragmento, com algum canto

desse livro, de maneira que as primeiras palavras deste jornal pertencessem à voz de algum homem ou mulher da era pré-americana do nosso continente, como tributo a essas visões e culturas que a turbulenta história moderna continua tentando fazer desaparecer dos nossos arquivos mais imediatos. Escolhi estes versos guaraníes que narram o origem do mundo, interpretados em espanhol pelo poeta paraguaio Augusto Roa Bastos.

Se queremos localizar com precisão o início da “era americana” do continente, deveríamos remeter-nos a uma cerimônia legitimamente cristã de batismo levada a cabo no 25 de abril de 1507 no meio do recolhimento do monastério de Saint Dié, na região hoje francesa de Lorena. A partida de batismo? A *Cartographie Introductio*, que junto com outros documentos e relatos de viagens da época contribuíram a renovar os postulados da *Geografia* de Ptolomeo e, em consequência, a percepção do mundo. Assim o lembra Germán Arciniegas no seu *América, 500 años de un nombre*, de 1954, que fez notar que a célebre nomeação aconteceu em desconhecimento completo do aludido pai honorário do continente, Américo Vesputio, assim como vários anos depois de que ele virasse sucesso de vendas europeu com a publicação e tradução da sua carta “Mundus Novus”. O que hoje chama a atenção – mesmo que já saibamos que a História acostuma escrever-se dessa maneira – é a ausência, distância e ignorância absoluta do próprio nomeado de cerimônia identitária tão importante. A adjudicação do nome, que Arciniegas reconhece como a etapa final da história do “descobrimento”, marca apenas o início da “invenção” a distância – seguindo a terminologia precisa de Edmund O’Gorman em *La invención de América* (1958) – de um imaginário ou alter ego continental tão poderoso que acabou sendo parte do discurso oficial duma modernidade que ensombreceu por séculos a validade de relatos, saberes e visões de mundo locais, tanto na América quanto em outros continentes subalternizados, e incluso na própria Europa. Como muitos pensadores têm assinalado – entre eles Walter Mignolo no seu notável *The Darker Side of the Renaissance* (1995) –, é neste momento quando começa a produzir-se a conjunção ideológica que dá início à primeira modernidade européia, aquela do Renascimento, desatada por uma nova noção de poder político que devia reunir o controle do comércio e suas rotas, o monopólio do conhecimento sobre o globo, seu cadastro

através da geografia e a cartografia, e o patrocínio duma instituição religiosa cristã nascida no seio do império romano e desenvolvida a semelhança deste, ou seja, em disputa constante pela hegemonia política do orbe, pelo monopólio da cultura e os conhecimentos, e que durante as cruzadas aprendeu também a estender a palavra de Deus a ponta de espada. O mundo começava a ser classificado e verbalizado segundo os interesses e rivalidades dos poderes políticos e religiosos europeus, marco no qual a “novidade” do “Novo Mundo” fê-lo alvo favorito da febre de conquista, posse e nomeação que desatou-se em consequência – e até nossos dias. A imprensa auspiciaria a narrativização e difusão do processo, fazendo com que os incipientes leitores se sentissem também parceiros dele, e que se criasse a ilusão de universalidade da história, e o pensamento e o conhecimento – pré-condição para o progresso moderno, suas formações nacionais e estandarizações da linguagem e a subjetividade, como têm sugerido entre outros Marshall Mc Luhan e Benedict Anderson. É a vorágine globalizante que inicia-se com e paralelamente à era americana da América. Em palavras de Aníbal Quijano e Immanuel Wallerstein, é o nascimento da idéia moderna e colonial de Americanidade.

América não é só um tropo, visitado e re-visitado em inúmeras ocasiões para re-textualizar e re-semantizar o nome, a idéia do nome, a ideologia do nome, o imaginário do nome. América é também um sítio epistêmico nutrido por 500 anos de encontros, colisões, imposições e reivindicações de culturas, visões, interesses, crenças, raças, identidades que, de alguma maneira, sintetizam os conflitos experimentados pela humanidade durante esta sua “história moderna”. América, como tropo textual, retórico, ideológico, e como sítio epistêmico contextual, histórico, geográfico, político, econômico, é uma noção que cremos necessário continuar interrogando e inventando, re-mapeando e re-desenhando, até re-inscrever no seu terreno dinâmicas que superem seu ancestral caráter universalizante, homogeneizador e subalternizante. Longa é a tradição de pensadores que têm tentado refutar a idéia da América inventada na Europa, assimilada e re-criada no continente, e re-inventada nos Estados Unidos como modelo civilizatório imperial; como longa é a lista de circunstâncias que fazem desta discussão uma tarefa ainda urgente. Nossas sociedades americanas continuam a operar segundo discursos derivados da

“dimensão colonial” do paradigma da modernidade, que ainda promovem a discriminação de raça e gênero, o silenciamento das diferenças, a marginalização dos povos originais, a segregação dos descendentes de africanos; ao mesmo tempo, continuam a reproduzir-se os discursos democratizadores do novo mercado livre que estão estendendo o empobrecimento da população já sem deter-se perante distinções de classe, raça ou casta, gerando uma resignada indiferença na frente do enriquecimento brutal de poucos -cada vez menos- beneficiários do sistema econômico atual, e uma crescente ansiedade por aproximar-se duma idéia básica de bem-estar que muitos –cada vez mais- devem financiar submetendo-se a créditos opressores e escravizantes. Esta dimensão da realidade americana, que, mesmo que exista ao lado norte do Rio Grande, faz-se dramaticamente patente do lado sul, não deve ficar ausente da reflexão e a formulação de conhecimentos novos sobre a América protagonizadas pelas disciplinas associadas a esta noção que operam nas diferentes esferas da Academia. América ainda está se inventando, ainda é um lugar onde é possível organizar as lutas epistêmicas e ainda é a casa de subjetividades heterogêneas que com seu diálogo e colaboração podem re-mapear as rígidas cartografias hegemônicas que pretendem delimitar unilateralmente o nosso entorno, como têm-nos dito desde suas perspectivas particulares vários dos nossos colaboradores. Por isso quisemos abrir o espaço deste jornal de alunos da pós-graduação à promoção deste debate entre pensadores americanos e americanistas, não só das gerações novas, senão que também de aquelas que nos precedem. Agradecemos sinceramente a intelectuais e artistas consagrados como Roberto Fernández Retamar, Walter Mignolo, Elicura Chihuailaf, José Saldívar, Yvon Le Bot, José Rabasa, Maria Lúcia dal Farra, Luiz Costa Lima, Víctor Fowler e John Kraniuskas, pela sua resposta tão generosa a dialogar com os que começamos nessas lides e contribuir para fazer realidade a nossa otimista idéia inicial de promover um diálogo sobre América o mais “trans” e “pluri” possível, ou seja, que cruzasse, liga-se e fizesse parceiros e parceiras a gerações, disciplinas, culturas, nações, subjetividades, saberes, línguas e regiões americanas diversas. A esta tradição de pensadores deve-se a convocatória desta revista, assim como às muitas gerações críticas que a precedem; a esta genealogia quisemos nos adicionar para continuar a estimular reflexões novas acerca dos limites ideológicos das nossas cartografias e as maneiras de problematizá-

las, para eventualmente mover-nos a um momento continental pós-contestatório, pós-americano talvez, no qual a escura carga de discursos coloniais e imperiais que as idéias hegemônicas da América nos deixaram de herança, formen parte das nossas memórias mas não da nossa cotidianidade.

Há uma noção, a noção do epistêmico, que aprendi lendo *Los ríos profundos* (1958) de José María Arguedas e refletindo sobre as complexas disputas de Ernesto, o jovem protagonista do livro. Suas simbólicas lutas por não deixar com que o aplaste a tirania do medo e a violência que experimenta diariamente no internado de Abancay, levam-no por caminhos que vão além de um simples questionamento de aspectos materiais das culturas e as sociedades pelas quais ele percorre, pois seus recursos de resistência e suas escolhas alcançam outras dimensões do conhecimento manifestadas por exemplo na relação que estabelece com a alma do seu zumbayllu *bruxo*, com a voz do rio, com a fala quechua e os sentimientos e sensações que associa com ela. Depois de ler o último livro de Walter Mignolo, *The Idea of Latin America* (2005), e verificar que ele ressalta a idéia da luta epistêmica como o tipo de disputa que deve caracterizar o campo do pensamento e as ações críticas nos próximos anos, dei-me de conta não só de que Ernesto é um exemplo claro dessas lutas epistêmicas na literatura, senão também do poder dela para transmitir as complexidades e sutilezas da relação e negociações entre a subjetividade e a colectividade. Ernesto não só transita entre culturas diferentes, mas entre epistemes diversas, condição consciente de trânsito que podemos chamar de trans-epistêmica –e que abriria a sua subjetividade a uma dinâmica pluriversal. Pensei numa noção similar quando lia *The House on Mango Street* (1984), de Sandra Cisneros, para uma aula de José Saldívar sobre literatura chicana: o bairro de Esperanza –localizado nas margens sombrias de alguma urbe estado-unidense- pode ser lido como uma alegoria do paradigma hostil, patriarcal e opressor no qual ela cresceu; e seu instintivo desejo de sair daí, assim como das casas alugadas para provar-se ela própria dum lar, pode representar sua luta epistêmica por construir-se um novo paradigma que a libere das sufocantes obrigações e escravidões culturais associadas ao seu gênero. Sua mudança de nome a Zeze the X também persegue superar o paradigma que já tinha murchado tantas mulheres, como sua bisavó, chamada também Esperanza: “She [her great-grandmother]

looked out the window all her life, the way so many women sit their sadness on an elbow. [...] I have inherited her name, but I don't want to inherit her place by the window." Em termos trans-americanos e globais, e seguindo as considerações de Mignolo e Saldívar, as buscas de Ernesto e Esperanza seriam parte das lutas individuais e coletivas por "um paradigma outro" onde seja possível ser o que se quer ser – e não o que outros dizem que se deve ser. Aliás, formariam parte do diálogo pendente entre as subjetividades heterogêneas do nosso continente, o qual em última instância pode levar-nos a um paradigma de pluriversalidade.

De migrações e residências. Sem dúvida, o relato das lutas por resistir o peso dos discursos coloniais e imperiais ainda presentes em nossas sociedades pode ser lido nos deslocamentos de cada um dos americanos que opta por migrar a cidades ou países economicamente mais estáveis ou mais ricos. Não obstante, para enriquecer esta leitura e alcançar uma perspectiva integral do problema, é preciso ademais levar em conta o relato das lutas protagonizadas pela grande porção de americanos que fica, tentando melhorar suas condições de vida, dentro dos limites da sua própria nação, seja porque não está no seu imaginário cultural a opção migratória, porque um país como Estados Unidos fica muito longe ou simplesmente porque não quer deixar seu entorno.¹ Os fluxos migratórios americanos falam por eles próprios da magnitude e extensão da pobreza no nosso continente, do mesmo jeito quanto mostram as lutas dos residentes, milhões de sujeitos que, no seu afã por acomodar-se aos paradigmas da modernidade, modificam constantemente as características das diferentes periferias locais, como é o caso dos que continuam a engrossar as faixas marginais que rodeiam as grandes cidades do continente (e que cada país batizou em consequência – a población callampa chilena, a villa miseria argentina, a favela brasileira, etc.); ou o caso dos que vivem mais perto do "centro" da cidade, ex membros duma "classe média" hoje em vias de extinção. São subalternos velhos e novos dum capitalismo re-semantizado sob o nome de neoliberalismo, promovido pelos escassos governos e grupos econômicos que detêm o poder no planeta para flexibilizar as leis trabalhistas e aduaneiras dos países "pobres" com o objetivo, como dizem eles, de "investir" e ajudar ao "desenvolvimento". A pobreza, a discriminação e a exploração experimentada por migrantes e residentes periféricos aos benefícios do

capitalismo é mostra da crueldade dos desígnios globais atuais e dos capítulos não registrados pelas histórias imperiais metropolitanas, que não só se escrevem dentro dos limites nacionais do império, como também se inscrevem, principalmente, nos lugares "remotos" destinados a nutrir o modelo de consumo da metrópole – modelo inimitável, por mais que se promova o contrário em países neoliberalizados, porque a grande maioria de estes não mantém uma relação hegemônica neocolonial com o resto do globo. Nas páginas desta revista, Mignolo diz sobre a imigração: "Capitals moving to the South produce marginalization, and immigrants coming to the North are automatically marginalized", enquanto Saldívar aplica neste contexto as sintéticas palavras em primeira pessoa de Stuart Hall: "We are here because you were there." De um lado, os migrantes que se aproximam às metrópoles que espoliaram seus espaços, buscando uma melhor qualidade de vida que sómente parece existir lá, recebem tratos inumanos e discriminatórios, expondo as suas vidas não só aos rigores e precariedades duma viagem clandestina senão também à territorialidade chauvinista de sujeitos do outro lado que crêem que sua cidadania concede-lhes o direito a matar. Do outro, os excluídos do sistema que permanecem em seus países devem acomodar-se às precárias oportunidades que lhes oferece a sociedade neoliberal, além de aceitar as lógicas terroristas de repressão estatal utilizadas pelos governos locais, especialmente treinados pela metrópole para reprimir aos "descontentes". Faz pouco lia em algumas publicações as vergonhosas narrações sobre a violência exercida pela polícia brasileira nas favelas; também, num jornal chileno (*La Tercera* do 17 de abril de 2006), que o FBI gentilmente tinha "capacitado" as forças policiais chilenas em contra do "terrorismo", procurando ao mesmo tempo estabelecer uma rede de inteligência a nível americano. O exemplo que davam sobre uma possível "semente terrorista" no Chile eram as demandas do povo mapuche. Pergunto-me: Os governos já não se lembram da "operação condor", resultado, do mesmo modo que as ditaduras centro-americanas e do con sul, da "capacitação" anti-insurgência das Forças Armadas latino-americanas durante a guerra fria? Continuar-se-á usando a violência estatal para silenciar as lutas pelos direitos individuais e, especificamente no caso do povo mapuche, o impulso natural a validar a própria identidade, a própria cultura, a própria língua e o próprio território – durante séculos expugnado por atores coloniais, nacionais, ditatoriais e neoliberais? Para evitar

os esquecimentos e realizar as associações pertinentes, é preciso manter um pé na história e o outro na memória, na colectividade e na subjetividade, no relato global e no local, pensando América como uma rede de interconexões entre níveis diferentes da história, a geografia e a população que as protagoniza, sofre e habita; neste contexto, a noção de Aníbal Quijano de “nodos histórico-estruturais heterogêneos” é particularmente iluminadora, pois nos ajuda a considerar por exemplo que as histórias imperiais e oficiais se sostêm sobre relatos de repressão local silenciados pelos discursos nacionais, ou, no caso do império, invisibilizados por seu caráter geograficamente remoto ou disciplinarmente alheio à convenção - também imperial- do “nacional”.

Os diálogos locais e globais Norte-Sul, Sul-Sul, Sul-Norte, são dinâmicas nas quais *Lucero 2006* também quis intervir e que nossa convocatória sugeriu revertendo o mapa da América. Na presente edição, nossa proposta de re-mapeio continental inclui a organização das colaborações recebidas, provenientes de ou relativas a diferentes latitudes do continente americano, de Sul a Norte, evitando assim as classificações editoriais sugeridas pelos limites entre gêneros literários devido a que pareciam-nos algo forçadas no contexto deste projeto. Partimos então com a palavra poética e política, oral e literária, de Elicura Chihuailaf, oralitor mapuche e chileno que quis compartilhar conosco seu “sueño azul”. Pretendemos assim modificar o tom epistêmico do debate acadêmico estado-unidense, Norte, iniciando oficialmente nossa discussão sobre América com uma voz mapuche, Sul, e em uma língua não “oficial”, não “nacional”, não “hegemônica”, não “central”: o Mapuzungun. Ademais, desejamos que esta proposta de ordenamento represente uma viagem epistêmica pela América, um passeio ao longo da geografia de palavras constituída pelas diferentes problemáticas, vozes, línguas, convenções acadêmicas e aproximações à América local e global, aos seus problemas, sua arte, sua literatura, sua gente e seu pensamento, apresentadas nesta edição. É claro que a viagem pode se realizar também de Norte a Sul, e desde o Norte é a palavra em português a que dá as boas-vindas ao percurso. Quisemos também incluir um resumo de cada ensaio numa língua diferente à do texto, assim de fomentar o interesse pelo tema entre possíveis leitores americanos e americanistas de outras línguas. Deste modo, a nossa penúltima colaboração, a caricatura “Dirty Hands” do californiano Phillip Lee Jr,

procura abrir o espaço a um gênero artístico utilizado de maneira magistral nos últimos tempos por artistas afro-americanos para expressar suas demandas e sua crítica social. Lee inscreve-se numa longa tradição de desenhistas políticos que têm usado o humor e a síntese da imagem visual para comentar a sua sociedade. Esperamos desta maneira incentivar a futuros artistas da caricatura para interferir no espaço acadêmico e também aos intelectuais para lerem os relatos que por esse meio estão escrevendo as novas gerações de afro-americanos e também muitos outros sujeitos e subjetividades. No final do percurso apresentamos o conto “El regreso”, de Irina Feldman, que fala das apropriações da idéia da América por parte de sectores subalternos das margens da Europa, neste caso da Rússia. Da extensa zona localizada entre o povo mapuche e a Califórnia, provém a conversação proposta pelos outros trabalhos. Desde o suldoeste de Los Andes recebemos os artigos de Bernarda Urrejola e Sarissa Carneiro, o primeiro sobre as estratégias de construção de subjetividade utilizadas por uma monja chilena que escreve desde o lugar do claustro, e o segundo sobre as elaborações do feminino em textos canônicos portugueses sobre o Brasil, ambos centrados na época colonial. Também desde lá viajaram as “Malliposas” em verso de Jorge Rosas Godoy, assim como os artigos de María Constanza Mujica Holley acerca da cultura popular e os silêncios da telenovela chilena de época, e de Rodrigo Quinteros sobre os ecos das leituras darwinianas quanto aos habitantes nativos do sul do Chile. Do lado argentino da cordilheira, apresentamos o trabalho de Brendan Lanctot sobre o papel da escritura sarmientina na projeção do seu imaginário nacional e re-mapeio político da zona do Río de la Plata. Na região do cone sul também localizamos a entrevista ao reconhecido crítico Walter Mignolo, argentino de nascimento, sobre seu transcendental livro *The Idea of Latin America*. Subindo pelo mapa, indo até o altiplano andino, achamos a sensibilidade cotidiana da fotografia de mar e altiplano de Andrea Hidalgo e da vida em “El corazón del frío” relatada por Franklin Briceño Huamán. Mais perto do Pacífico, compartilhamos a reflexão arquitectónica e trans-disciplinar de Miguel Ángel Vidal Valladolid a respeito das apropriações do projeto moderno de Lima por parte da “cultura emergente” dos migrantes rurais avizinados na capital. Do outro lado da fronteira lingüística do Amazonas, desde o Brasil e sobre o Brasil, conhecemos a força do movimento da “Dançarina espanhola”, feita verso pela inesquecível

Maria Lúcia dal Farra; e os ensaios comparatistas de André Fiorussi, sobre as noções de beleza e musicalidade em dois poetas contemporâneos, o nicaraguense Rubén Darío e o brasileiro Olavo Bilac; de Anita Moraes, sobre a leitura de *O Cabeleira* de Franklin Távora, iluminada pelo sempre invocado *Facundo* de Sarmiento; e de Steve Sloan, sobre a origem da crônica latino-americana, em espanhol e em português, contrastando o trabalho de dois clássicos do gênero: o cubano José Martí e o carioca Machado de Assis. Nessa zona também localizamos a entrevista ao consagrado crítico Luiz Costa Lima sobre o seu provocador livro *O Redemunho do horror*. Também, a resenha de livro escrita por Fernando da Mota Lima e as sensíveis e evocadoras narrativas de José Luiz Passos e Kristin Reed. Voltando ao espanhol, mais arriba na América do sul, ensinamos, de dois colombianos, os versos atrevidos de Andrea Salgado e a resenha de livro escrita por José Ernesto Ramírez. Atravessando o mar Caribe até as Antilhas, achamos a poderosa narração duma subjetividade feminina, em conflito e trânsito, da porto-riquenha Sonia Marcus Gaia. De Cuba recebemos o poético e erudito ensaio “Martí, antillano” do consagrado crítico e diretor da paradigmática *Revista Casa de las Américas*, Roberto Fernández Retamar, sobre a dimensão local antilhana do americanismo do apóstolo. Também desde a ilha nos chegaram os versos inéditos do premiado poeta Víctor Fowler, assim como a reflexão dum membro do Centro de Estudios Martianos, Mauricio Núñez Rodríguez, em volta da noção de Nuestra América no único romance martiano: *Lucía Jerez*. Nas Antilhas também quisemos situar a resenha de Mayra Bottaro sobre o sempre crucial *Desencuentros de la modernidad* de Julio Ramos, originário da vizinha Borinquen. Atravessando para o continente mais outra vez, de Costa Rica, Nicaragua e Guatemala coletamos as doces “Visiones de América” de Mauricio Espinoza, assim como as imagens poéticas do seu “América: ¿Dónde? ¿Quién? ¿Cómo?”. Ainda desde a América central apresentamos os versos de desejo e deslocação de David Juárez e, sobre o México, a amena conversação com John Kraniuskas sobre cinema mexicano e estudos culturais. Na borda entre o México e os Estados Unidos achamos as reflexões do sociólogo do Centre National de la Recherche Scientifique e autor do célebre *El sueño zapatista*, Yvon Le Bot, a respeito da arte e a subjetividade no contexto da imigração. Na zona fronteiriça e aproximando-nos dos Estados Unidos situamos a entrevista com o consagrado intelectual

chicano e de estudos comparativos trans-americanos, José David Saldívar, sobre imigração, subalternidade e imperialismo. Fechamos esta edição com a resenha de Kelly Sullivan sobre o recém publicado livro do peninsularista Michael Iarocci, *Properties of Modernity*, e os comentários finais do autor do seminal *Inventing America* e um dos fundadores do Grupo de Estudos Subalternos Latino-Americanos, José Rabasa.

Agradecemos a grande acolhida brindada a este debate por todos aqueles que enviaram os seus trabalhos a este volume, assim como a quens colaboraram no árduo processo de edição, especialmente a meus colegas e amigos Cesar Melo, quem abriu as portas de *Lucero* a novos intelectuales e estudantes brasileiros, Lori Mesrobian, por sua profissional labor de comunicação com os nossos colaboradores, e Luis Ramos, por seu apoio moral e acadêmico em todas as etapas do processo. Agradecemos também a generosidade dos professores José Saldívar, por oferecer o seu valioso apoio durante a edição da revista, e José Rabasa, pela positiva acolhida a esta iniciativa como diretor do nosso Departamento. Da mesma maneira, agradecemos a excelente disposição dos alunos da pós-graduação do Departamento de espanhol e português de UC Berkeley, muitos dos quais mesmo em período de exames de mestrado e doutorado estiveram dispostos a colaborar, e também aos alunos da p's-graduação da Universidad de Chile, por responderem à nossa convocatória com entusiasmo e alto nível acadêmico. Agradeço especialmente a Julia García, a minha querida mãe, e às minhas amigas Maya Márquez e Patricia Rodríguez, por terem sido interlocutoras incansáveis dos altos e baixos do processo. Finalmente, agradeço a meu irmão Fernando por ajudar-me a criar num abrir e fechar de olhos o formoso mapa de “Los nombres de América” que marcou o caráter da convocatória e de toda a proposta acadêmica do número 17 de *Lucero*.

—Mónica González García

Footnotes

¹ Cabe hacer notar que las migraciones recientes no se dirigen sólo al norte; en los últimos años Chile también ha sido destino de inmigrantes provenientes de países altiplánicos fronterizos, debido a su promovida fama de prosperidad económica.